



ARTE, TEATRO E ENSINO: REFLEXÕES DE UMA CARREIRA DEDICADA À TRANSFORMAÇÃO ESTUDANTIL

ART, THEATER AND TEACHING: REFLECTIONS FROM A CAREER DEDICATED TO STUDENT TRANSFORMATION

Caio Márcio Rodrigues David¹
Mestrado Profissional PROFARTES/UFU

Rosimeire Gonçalves dos Santos²
Universidade Federal de Uberlândia - UFU

RESUMO

O artigo aborda a experiência de um professor de Arte que, ao longo de sua trajetória, utiliza o teatro como ferramenta pedagógica para promover o desenvolvimento integral dos alunos em escolas públicas, alinhado à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e ao Currículo Referência de Minas Gerais (CRMG). O texto reflete sobre as oportunidades e desafios enfrentados na implementação de práticas artísticas, destacando as limitações de tempo e infraestrutura no ensino formal, mas ressaltando o papel da arte e do teatro como meios eficazes de socialização e expressão criativa. A partir de vivências em instituições como a Escola Estadual Nazle Jabur e a Escola Estadual Paraisense, o autor discorre sobre a adaptação ao ensino remoto durante a pandemia de COVID-19 e os impactos positivos das atividades práticas na formação dos estudantes. A pesquisa também valoriza o contexto histórico e cultural dessas escolas como elementos enriquecedores no processo educativo, evidenciando o poder transformador da arte na vida dos alunos.

Palavras-Chave: Teatro. Educação. Arte. Trajetória Docente. Práticas Artísticas.

ABSTRACT

The article addresses the experience of an Art teacher who, throughout his career, uses theater as a pedagogical tool to promote the integral development of students in public schools, aligned with the National Common Curricular Base (BNCC) and the Minas Gerais Reference Curriculum General (CRMG). The text reflects on the opportunities and challenges faced in implementing artistic practices, highlighting the limitations of time and infrastructure in formal education, but highlighting the role of art and theater as effective means of socialization and creative expression. Based on experiences in institutions such as Escola Estadual Nazle Jabur and Escola Estadual Paraisense, the author discusses the adaptation to remote teaching during the COVID-19 pandemic and the positive impacts of practical activities on student training. The research also values the historical and cultural context of these schools as

¹ Professor de Educação Básica do conteúdo de Arte. Exerce suas atividades profissionais na Escola Estadual Paraisense, sediada em São Sebastião do Paraíso – MG. Mestre em Artes pelo PROFARTES da Universidade Federal de Uberlândia. <http://lattes.cnpq.br/4968585831401897>

² Docente do Curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia. Coordenadora Nacional do Mestrado Profissional PROFARTES onde atua, também, como docente e orientadora. Participa do GRUTECE – Grupo de Pesquisa em Textos e Cenas – UFU. <http://lattes.cnpq.br/5007401696762612>



enriching elements in the educational process, highlighting the transformative power of art in the lives of students.

Keywords: Theater. Education. Art. Teaching Career. Artistic Practices.

1. INTRODUÇÃO

Quando comecei minha jornada como educador, sabia que o teatro seria uma parte fundamental do meu trabalho. O poder transformador da arte sempre me fascinou, e ao longo dos anos, percebi que o ensino teatral na educação pública enfrenta desafios e potencialidades imensas. Em meio a um cenário pautado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e pelo Currículo Referência de Minas Gerais (CRMG), vivi experiências que mostram como a arte pode criar pontes entre o mundo acadêmico e a realidade escolar, promovendo não apenas o aprendizado técnico, mas também a formação integral dos estudantes.

Neste relato, compartilho minha trajetória como professor, desde o início no ensino básico até os dias atuais, refletindo sobre o papel da educação pública e o teatro-educação. A partir de minhas experiências em diferentes escolas, incluindo minha atuação na Escola Estadual Paraisense, revisito momentos que me marcaram e influenciaram minha prática pedagógica, sempre buscando maneiras de tornar o aprendizado artístico mais significativo para os alunos.

2. EDUCAÇÃO PÚBLICA E TEATRO-EDUCAÇÃO: DOS REFERENCIAIS A REALIDADE

2.1. Base Nacional Comum Curricular e Currículo Referência de Minas Gerais

Na educação básica, o teatro é uma das linguagens que alicerçam o ensino da disciplina de Arte e o que orienta a metodologia de trabalho é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que começou a ser elaborada em 2015, e foi implementada em 2018.

Esta base, não é um currículo a ser seguido, mas sim um documento orientador e deste modo norteia as atribuições pedagógicas com adaptações para cada realidade



e ao definir as aprendizagens essenciais, não suprime a necessidade de os estados, os municípios e as escolas elaborarem seus próprios currículos, pelo contrário: os currículos e as propostas pedagógicas devem ser orientados pela BNCC.

Segundo o Ministério da Educação:

Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN). (BRASIL, 2017, p.7)

De acordo com a BNCC os currículos devem adequar as proposições da base à realidade local, considerando a autonomia dos sistemas ou das redes de ensino e das instituições escolares, como também o contexto e as características dos alunos. (BRASIL, 2017, p. 16)

Minas Gerais, sendo o estado mais populoso do Brasil com 853 municípios e uma vasta pluralidade cultural, criou um documento que faz a adaptação da BNCC a realidade local, o Currículo Referência de Minas Gerais (CRMG).

No ensino de Arte, tanto a BNCC como o CRMG estão centrados nas linguagens artísticas: Dança, Música, Teatro e Artes Visuais. Essas quatro linguagens articulam saberes sobre produtos e fenômenos artísticos e envolvem as práticas de criar, produzir, ler, exteriorizar, construir e refletir sobre as diversas formas artísticas.

O componente curricular contribui, ainda, para a interação crítica dos alunos com a complexidade do mundo, além de favorecer o respeito às diferenças e o diálogo intercultural, pluriétnico e plurilíngue, importantes para o exercício da cidadania. A Arte propicia a troca entre culturas e favorece o reconhecimento de semelhanças e diferenças entre elas. (BRASIL, 2017, p. 193)

A BNCC e o CRMG também propõem que abordagem das linguagens articule



seis dimensões do conhecimento, que são elas: criação, crítica, fruição, estesia, expressão e reflexão.

A redação da BNCC e do CRMG sugere que as aulas de Arte sejam lúdicas, divertidas, cheias de práticas artísticas e repletas de significado. No entanto, essa expectativa pode se tornar ilusória, pois o componente curricular dispõe de apenas uma aula semanal de 50 minutos, totalizando 40 encontros anuais. Em meio a esses 40 momentos, espera-se trabalhar dança, música, teatro e artes visuais, além de aplicar provas e trabalhos. Diante disso, o que realmente permanece significativo?

Em 2024, inicio meu nono ano como docente. A experiência me levou à seguinte constatação: é necessário escolher entre focar nos conteúdos teóricos ou no experimento das práticas artísticas. A segunda opção se mostra mais vantajosa, pois a prática artística oferece aos alunos ganhos intangíveis, criando lembranças e momentos significativos no processo de ensino-aprendizagem.

Como professor, enfrento diariamente o desafio de ser polivalente, tendo que lecionar Artes Visuais, Música, Dança e Teatro, apesar de minha formação ser voltada para o Teatro. A BNCC, o CRMG e o próprio sistema escolar exigem que o ensino de Arte abranja todas essas linguagens artísticas, o que muitas vezes se torna uma tarefa complexa. A pressão para lidar com áreas que não fazem parte da minha especialização é significativa.

Me sinto dividido entre tentar dominar conteúdos de outras áreas e manter a qualidade no ensino daquilo que domino de forma mais aprofundada: o teatro. Ensinar música e dança, por exemplo, requer conhecimentos técnicos específicos, que nem sempre possuo. Além disso, a carga horária reduzida, com apenas uma aula semanal, torna ainda mais difícil aprofundar todas as linguagens artísticas de maneira satisfatória. Isso me obriga a fazer escolhas e, muitas vezes, sinto que estou oferecendo aos alunos uma experiência superficial em certas áreas.

Apesar das dificuldades, tento sempre buscar formas de integrar as diferentes linguagens artísticas de maneira criativa e significativa para os alunos. No entanto, esse equilíbrio nem sempre é fácil de alcançar.

Como documento orientador, a BNCC deveria ir além de suas diretrizes e assegurar que o currículo das unidades escolares reserve tempo suficiente para que



os docentes possam desenvolver plenamente suas aulas. Isso é essencial para que as práticas artísticas, que exigem um processo gradual e aprofundado, não tenham etapas importantes do ensino-aprendizagem comprometidas pela falta de tempo. Sem essa adequação, o potencial transformador das artes acaba sendo reduzido, dificultando a oferta de experiências significativas aos alunos.

2.2. Trajetória Docente

Atuo como professor de educação básica desde 2016, mas foi apenas no ano de 2018 que eu prestei o concurso público do estado de Minas Gerais e comecei meu exercício como servidor efetivo.

Residente em São Sebastião do Paraíso, Minas Gerais, na época só havia vagas no município de Passos, também em Minas. Foi para a segunda cidade que prestei o concurso para iniciar na carreira de professor, passei em 3º lugar e posteriormente iniciei minha nova etapa profissional na Escola Estadual Nazle Jabur entre outubro de 2018 e agosto de 2021, quando pedi remoção para a Escola Estadual Paraisense, localizada no município de minha residência.

A Escola Estadual Nazle Jabur fica localizada no bairro Santa Luzia no município de Passos, sendo a única escola do bairro. A instituição de ensino atende mais de 1280 alunos nos três turnos do dia e em todas as etapas da educação básica, sendo elas: ensino fundamental anos iniciais e finais, ensino médio, educação de jovens e adultos, e ensino técnico. A escola está sob a direção da professora Maria de Lourdes Martins há cerca de 20 anos.

Iniciar meu exercício nesta escola foi uma tarefa difícil, tendo em vista que eu não era conhecido nem na escola e nem na cidade. Como em todo começo, senti resistência por parte da gestão escolar e dos alunos. Os professores e professoras de Arte que haviam trabalhado na escola anteriormente não possuíam habilitação específica no conteúdo, sendo assim, não era comum trabalhos práticos e nem grandes explicações de procedimentos e técnicas. Neste sentido, acredito que pude fazer uma transformação na instituição.



Figura 1: Fachada da Escola Estadual Nazle Jabur.



Fonte: Acervo Pessoal

Aulas em ambientes externos, trabalhos de colagem e pintura, desenhos, cartazes, práticas de dança e teatro, excursões, desfiles cívicos e entre outros, foram algumas das estratégias que utilizei entre 2018 e 2019 para desenvolver meu trabalho e fazer parte desta escola. Aos poucos o que era “resistência” se tornou algo natural.

Em março de 2020 o cenário escolar mudou por completo, diante da pandemia do covid-19. Ficamos sem aulas durante o período de março até maio de 2020. Neste período desenvolvi um projeto com meus alunos pelo aplicativo Instagram, que se chamava “Desafio de Arte”, no qual eu postava vídeos nos quais eu explicava um conteúdo da história da arte, os orientava e pedia um trabalho prático. Era estipulado um prazo para os alunos postarem no aplicativo.

Em maio, foi instaurado o ensino remoto das escolas do estado de Minas Gerais. Algo jamais imaginado por mim e por vários colegas da educação. O convívio presencial foi trocado por telas de celulares e computadores. Na escola Nazle, foram feitos grupos de WhatsApp por salas e adicionados os contatos de alunos ou familiares para que se pudesse estabelecer uma comunicação. Com os PETs (Plano de Estudo Tutorado) sendo disponibilizados pela secretaria de estado de educação, nós professores, fazíamos tutorias para esclarecimento de dúvidas no horário que habitualmente estaríamos dando aulas.



Muitos alunos não tinham como estar presentes durante o horário da tutoria tendo em vista que nem todos eles tinham aparelho de celular. Esses alunos recebiam o material impresso em suas casas, respeitando todos os protocolos sanitários estabelecidos na época. Outros alunos dividiam o celular com irmãos ou primos, o que dificultava o processo por vezes.

As atividades feitas pelos alunos eram enviadas por foto, no WhatsApp, Dropbox ou Google Classroom. Ao receber, nós, professores, fazíamos a validação para que o aluno tivesse sua carga horária computada.

As reuniões escolares, seja entre professores e gestões ou com as famílias, eram todas por videoconferência do Google Meet. Sempre eram marcadas pelo desabafo, anseios e lamentações sobre a incerteza do momento que vivíamos.

Vivemos essa realidade de maio de 2020 até julho de 2021. No período de retorno da Escola Nazle a suas atividades presenciais, foi publicada minha remoção para o novo local de trabalho em São Sebastião do Paraíso na Escola Estadual Paraisense. Sendo assim não pude me despedir de maneira presencial. Mas recebi uma homenagem por videoconferência e deixei meu agradecimento por vídeo aos alunos e colegas.

2.3. Escola Estadual Paraisense

No ano de 1906, assim que tomou posse como pároco da igreja matriz local, o padre Aristóteles Aristodemus Benatti ficou sabendo que não havia ainda um curso de ginásio na cidade. Sendo assim, o religioso convocou uma reunião com autoridades locais, lançando a ideia de organizar um curso ginásial e a possibilidade de formar um corpo docente disposto a iniciar um novo tempo da história da educação municipal.

Um ano depois, no endereço da Avenida Monsenhor Mancini, 519, do bairro Vila Dalva, começou a funcionar a primeira instituição de ensino secundário de São Sebastião do Paraíso, Minas Gerais, foi inaugurada no dia 7 de fevereiro de 1907. A inauguração das aulas foi noticiada pelo jornal O Paraisense, o qual destacou a importância da nova instituição, uma vez que não existia oferta de ensino secundário



na cidade. Sua existência se deu por cerca de 60 anos, encerrando suas atividades no final da década de 1960.

O historiador Luiz Carlos Paes salienta que:

A primeira década do século XX foi marcante na história de São Sebastião do Paraíso, não apenas pela criação do primeiro curso ginásial da cidade. O município passava por um período de expansão econômica que o levaria a ser, nos anos seguintes o principal polo de cafeicultura mineira. Alguns anos depois, dados publicados pela inspetoria de agricultura mostraram que o município chegou a ocupar a posição de maior produtor de café no Sul de Minas. Informação que permite localizar o contexto do desenvolvimento inicial do Ginásio Paraisense, cuja existência está basicamente inserida na primeira metade do século XX. (PAES, 2015, p. 20)

A partir da década de 60, no ano de 1966 começou a funcionar no prédio a Escola Estadual Paraisense, constituída pela lei 4.180 de 25 de maio de 1966, e autorizada a funcionar pela portaria 271/66, publicada no diário oficial de Minas Gerais em 28 de maio de 1966.

Desde então e até os dias atuais, já passaram seis diretores pela gestão da escola. Entre os anos de 1985 e 1990, a escola teve a direção do professor Sebastião Furlan, considerado um ícone do município, sendo pioneiro no fomento teatral da cidade. Furlan fundou o primeiro grupo de teatro do município. Falecido em 1994, no ano de 1999, recebeu uma homenagem, o Teatro Municipal de São Sebastião do Paraíso recebeu o seu nome, hoje Teatro Municipal Sebastião Furlan.

Entre os anos 2000 e 2004, a Escola Estadual Paraisense teve em sua direção Neide Borges Paschoini, uma professora incentivadora das artes. Neste período foi criado o evento musical “Natal de Luz”. Por se tratar de uma construção do início do século XX, o prédio da escola possui 26 janelas na fachada. No grande dia, os alunos cantavam direto das janelas iluminadas da escola. Coordenados pela professora Zélia Diogo Malaguti e sob orientação do músico Túlio Costa, os estudantes participavam do coral e ensaiam duas vezes por semana durante todo ano. No repertório, temas clássicos da música brasileira se mesclavam a canções natalinas. Ao final da apresentação ainda havia a encenação do presépio com a chegada do menino Jesus.



O evento que teve sua última edição em 2006, mobilizava grande parte da população municipal, a prefeitura sempre interditava a rua para garantir a tranquilidade do público em frente à escola.

De acordo com Horta (2005), para o custo de produção do espetáculo “Natal de Luz” era alto. Iluminação, som, convites, decoração das janelas, vestimentas dos anjos e dos personagens do presépio vivo, fogos de artifício e gastos com alguns profissionais de fora; cada coisa com seu preço e nada podia faltar.

De 2004 até os dias atuais, a escola está sob a gestão de Adilson Luciano Pimenta Rezende. Seguindo os passos de sua antecessora, o diretor Adilson também faz questão de sempre incentivar as artes no ambiente escolar, dando continuidade ao “Natal de Luz” e criando o projeto “Teatro Musical na Escola” que aconteceu nos anos de 2007, 2008 e 2009. Coordenado pela professora Zélia Diogo Malaguti e sob orientação dos músicos Túlio Costa e Vanessa Alves Takahashi, o projeto oferecia oficinas de teatro musical no contraturno da escola. Clássicos da Broadway eram montados e apresentados, tais como: “O Magico de Oz”, “A Noviça Rebelde” e “A Bela e a Fera”.

Hoje, o Paraisense atende a cerca de 950 alunos de 6º a 9º ano, contando com o auxílio de 64 funcionários, nos turnos matutino e vespertino.

Figura 2: Fachada da Escola Estadual Paraisense.



Fonte: Acervo Pessoal

Em termos de estrutura, a escola funciona em prédio próprio, possui 14 salas de aula, quadra de esportes coberta, cozinha com refeitório, banheiros com chuveiro,



pátio coberto, sala de informática, laboratório de ciências e auditório.

Entre os anos de 2006 e 2009, tive o privilégio de ser aluno desta escola. Participei dos projetos culturais como o “Natal de Luz” e “Teatro Musical”. Considero essa escola e todos os ensinamentos que nela tive, como responsáveis por meu despertar para as artes e para o teatro, uma vez que minhas primeiras referências foram absorvidas ali. Todo esse movimento que o ambiente escolar tinha por conta do desenvolvimento de projetos era algo que me acolhia muito e me motivava a continuar os estudos.

Já no ano de 2018, retornei à escola como professor contratado. Na ocasião permaneci apenas neste ano. Com o apoio da direção pude desenvolver o projeto “Teatro na Escola”, no qual promovi oficinas de teatro nas minhas aulas de Arte com os 6ºs anos, que resultaram em um “Festival de Teatro” onde cada turma produziu o seu espetáculo. Foram sete turmas, eles se apresentaram e se assistiram e pude então reviver bons momentos de entusiasmo, acolhimento e motivação no ambiente escolar.

Com a pandemia imposta pelo COVID-19 a Escola Paraisense precisou se reinventar, passando então a existir também no ambiente virtual. Foram meses frente a uma tela, tendo contato com inúmeros alunos pelo Google Meet. Por ali aconteceu aprendizado, resolução de atividades, esclarecimento de dúvidas e interação social. Os desafios foram inúmeros e a resistência foi grande, afinal “como que aulas online seriam tão efetivas quanto as presenciais?”. Passados dozes meses o que era um grande desafio, se tornou um hábito.

Em 2021, retornei ao Paraisense de forma definitiva, agora como professor efetivo. Enfrentei de imediato os desafios da educação remota, mas transformei essa situação em uma grande oportunidade de me reinventar profissionalmente e estudar.

De acordo com o sociólogo Pedro Demo (2009), a aprendizagem virtual veio para ficar. Em meio a ambiguidades alarmantes e riscos mais que reais, significa oportunidade fundamental de aprender bem, em especial para as novas gerações. Cuidar da nova geração, possivelmente, tornou-se desafio muito mais complexo.

Desde 2022, realizo com os sete 7ºs anos o Festival de Teatro. É um evento que se tornou o mais esperado pelos alunos, e posso dizer que a expectativa em torno



das apresentações cresce a cada ano. A empolgação que vejo nos estudantes, desde a escolha dos temas até a preparação das peças, reafirma a importância do teatro na vida escolar e o impacto que ele tem na formação de cada um.

Além do festival, outro momento especial acontece anualmente, no mês de junho, quando organizo o tradicional casamento caipira com as turmas de 7º e 9º anos. Mais uma vez, o teatro está presente, conectando-se com a cultura popular e criando momentos de descontração e aprendizado.

Desde 2023, aprovei um projeto pelo ICEB (Iniciação Científica na Educação Básica), que é outro motivo de orgulho para mim. Esse projeto constituiu um Núcleo de Iniciação Científica com 12 alunos dos 8ºs e 9ºs anos, com quem venho investigando a questão: "Como o Teatro Modifica a Vida dos Estudantes?". Juntos, mergulhamos nesse tema, e o trabalho já rendeu frutos com oficinas e apresentações teatrais realizadas na escola. O núcleo tem se mostrado um espaço de reflexão profunda, onde os alunos não apenas aprendem, mas também compreendem como o teatro pode ser uma ferramenta de transformação pessoal e coletiva.

Concluo que minha trajetória como professor de Arte tem sido marcada por desafios, mas também por grandes realizações. Desde meu início na Escola Estadual Nazle Jabur até meu retorno à Escola Estadual Paraisense, tive a oportunidade de transformar o ambiente escolar, usando o teatro e as artes como ferramentas de aprendizado e integração. A pandemia trouxe novas formas de ensinar e aprender, exigindo adaptação, mas também revelando novas oportunidades. Hoje, com projetos como o Festival de Teatro e o Núcleo de Iniciação Científica, sigo vendo o impacto positivo do teatro na vida dos alunos, reafirmando o poder das artes na educação.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da minha trajetória como docente, percebi o impacto transformador do teatro-educação na vida escolar e na formação integral dos alunos. A prática artística vai além da teoria, promovendo expressão individual, habilidades sociais e uma visão crítica do mundo.



Embora a BNCC e o Currículo de Minas Gerais ofereçam diretrizes importantes, desafios estruturais no ensino público limitam o tempo e os recursos para atividades práticas. Ainda assim, com dedicação e criatividade, é possível proporcionar experiências significativas.

Na Escola Estadual Nazle Jabur e na Escola Paraisense, desenvolvi metodologias inovadoras que, além de enriquecer o currículo, fortaleceram laços de comunidade e cidadania. Olhando para o futuro, sigo motivado a integrar a arte de forma mais profunda, acreditando no potencial da educação pública para formar indivíduos críticos e criativos.

4. REFERENCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**, versão 3, Brasília, 2017.

DEMO, Pedro. “**Tecnofilia**” & “**Tecnofobia**”. **Boletim Técnico do Senac**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 35, p. 4-17, jan. 2009. Disponível em: <https://www.bts.senac.br/bts/issue/view/33/34>. Acesso em: 28 set. 2024.

HORTA, Ana Paula. **Espetáculo na escola: 6º Natal de Luz acontecerá sábado**. Jornal do Sudoeste, São Sebastião do Paraíso – MG, 1 dez. 2005. Disponível em: <http://www.jornaldosudoeste.com.br/noticia.php?codigo=200550>. Acesso em: 21 set. 2024.

PAIS, Luiz Carlos. **História da educação em São Sebastião do Paraíso (1855 - 1957)**. Campo Grande - MS: Edição do Autor, 2015.